**“SÓ O DIÁLOGO NOS PODE FAZER CRESCER”: A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA NO DISCURSO RELIGIOSO**

Leticia da Silva Queiroz

Aluna do mestrado em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: [leticiasilva-queiroz@hotmail.com](mailto:leticiasilva-queiroz@hotmail.com)

Gabriela Castro Marques

Aluna do mestrado em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: [gabcastro.castro@gmail.com](mailto:gabcastro.castro@gmail.com)

Edneudo Cavalcante de Medeiros

Aluno do mestrado em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail:[edneudoc@gmail.com](mailto:edneudoc@gmail.com)

**RESUMO**

É impressindível que na esfera da comunicação verbal compreendamos os diferentes discursos que circulam socialmente, discursos políticos, midiáticos, jurídicos, religiosos, jornalísticos, enfim, há muitas possibilidades disponíveis na conjuntura social. Para essa finalidade, o trabalho que produzimos se propôs: investigar como se configura a responsabilidade enunciativa no discurso sinodal do papa Francisco, e especificamente, (i) identificar e descrever as marcas linguísticas que assinalam a (não) assunção da responsabilidade enunciativa no discurso proferido pelo papa Francisco; e (ii) refletir sobre os sentidos construídos a partir da interpretação do discurso decorrente dos movimentos de assunção ou de não assunção da responsabilidade enunciativa. O *corpus* foi coletado em um *site* voltado para assuntos do vaticano e da igreja católica em geral. O aporte teórico adotado segue os postulados de Adam (2011), sobre a Análise Textual dos Discursos (ATD) e responsabilidade enunciativa, Rabatel (2016), Bernardino (2015), entre outros. Os resultados apontam que no discurso religioso, as categorias das modalidades e diferentes tipos de representação da fala, evidenciaram assunção por parte de L1/E1 em relação aos conteúdos proposicionais proferidos, uma vez que o propósito comunicativo no sínodo era convidar os jovens ao diálogo, e para isso, o L1/E1, utilizou-se de estratégias textuais-discursivas para alcançar tal objetivo, que é inserir os jovens no mundo do evangelho em busca de um futuro melhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Responsabilidade enunciativa. Discurso religioso. Sínodo.

**INTRODUÇÃO**

As pesquisas, que têm como objeto de estudo o texto, vêm ganhando cada vez mais força aqui no Brasil, desde a disseminação da proposta delineada por Jean Michel-Adam, linguista francês, que em seu livro *Linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos*,propôs uma abordagem teórica e metodológica com categorias próprias para análise de textos concretos. Vários são os *corpora* que podem se constituir como foco de investigação, quais sejam: o texto jornalístico, publicitário, político, jurídico, religioso, escolar, entre outros. Essas várias materialidades textuais emanam discursos que circulam na sociedade nos diversos gêneros da comunicação verbal, e, é por essa razão que temos a necessidade de compreender a produção co(n)textual de sentidos dos discursos que se propagam no meio social.

Para tanto, o *corpus* selecionado para interpretação neste trabalho é de cunho religioso, trata-se de um discurso proferido pelo papa Francisco direcionado aos jovens em uma situação de comunicação específica da igreja católica chamada Sínodo. O termo “Sínodo” é originário da língua grega e significa “Caminhar juntos”, refere-se a uma assembléia constituída pelo papa e bispos para tratarem de assuntos relacionados à fé, a comunhão pastoral e aspectos gerais da igreja como um todo. O discurso sinodal foi coletado em uma página *online* “Vatican News” em que consta uma gama de notícias relacionadas ao papa e à igreja católica em geral.

Pensando em compreender a produção de sentidos do discurso religioso, traçamos como objetivo geral:investigar como se configura a responsabilidade enunciativa no discurso sinodal do papa Francisco, e especificamente, (i) identificar e descrever as marcas linguísticas que assinalam a (não) assunção da responsabilidade enunciativa no discurso proferido pelo papa Francisco; (ii) refletir sobre os sentidos construídos a partir da interpretação do discurso decorrente dos movimentos de assunção e ou de não assunção da responsabilidade enunciativa.

Para a realização da pesquisa tivemos respaldo nos postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD), à luz de Adam (2011), que nos permite dialogar com autores de outras teorias, como Rabatel (2016), e tivemos apoio de Bernardino (2015) entre outros.

O interesse em fundamentar nossas pesquisas a partir da ATD está ligado a razões institucionais, pois desde 2016 estamos vinculados ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), pela participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), a partir de então, estamos desenvolvendo e produzindo trabalhos no intuito de divulgar os estudos ligados a essa nova abordagem do texto e do discurso.

Após essa breve apresentação, na seção seguinte, apresentamos um apanhado teórico a respeito da ATD e da responsabilidade enunciativa com suas respectivas categorias e marcas linguísticas, em seguida, a nossa descrição com interpretação do *corpus* de análise e, por fim, a conclusão com os resultados alcançados.

**APORTE TEÓRICO**

Baseamo-nos nos postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD), uma nova abordagem teórico-metodológica, proposta por Jean-Michel Adam através da obra inaugural “Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos” publicada na França em 2005 e no Brasil em 2008 e em 2011 quando passou por reformulações e tendo sida publicada uma nova versão aumentada e revisada. Nesta obra, o teórico articula, delimita e separa as tarefas da Linguística Textual e da Análise do Discurso, dizendo que “a linguística textual é, em contrapartida, uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos.” ( Adam, 2011, p. 23). Sobre a ATD, conforme Bernardino (2015, p. 34), temos a seguinte informação:

[...] ao se inserir no campo mais vasto da AD, vem trazer o que faltava a uma teoria do texto: um tratamento discursivo de suas categorias, mas sem desvencilhar-se do material linguístico que concerne à estrutura textual. Ela traz uma aproximação mais estreita com o social, histórico, o interdiscurso, enfim, com o caráter dialógico e ideológico da linguagem, com gêneros, e inclusive com uma visão de sujeito descentrado (que não está na fonte do dizer, nem é autoconsciente).

Este quadro teórico amplia o campo de visão da análise textual, trazendo a ideia de que texto, discurso e gênero podem ser trabalhados em consonância, permitindo identificar e extrair através deles contextos que fomentam a ação daqueles que são os responsáveis pelo discurso em vários gêneros textuais, os interlocutores.

Na referida obra, Adam (2011) introduziu noções teóricas e categorias de análise que são reportadas de um conjunto de várias outras abordagens no campo de estudos da linguagem e ao mesmo tempo redefine conceitos e elabora esquemas que auxiliam na aplicabilidade da análise de textos concretos. Dessa forma, pode-se articular texto e discurso a fim de desvendar as práticas discursivas mediadas pelo gênero que regula as vozes. Nesse sentido, a partir dos postulados propostos por Adam, nos estudos inseridos na ATD, é possível analisar um texto concreto, real, produzido em contexto vivo.

Por ser uma teoria de conjunto, a ATD mostra-se aberta para dialogar com outras abordagens ou teorias, sendo assim, uma destas a qual ela se vincula, está a Responsabilidade enunciativa, que tanto é abordada por Adam (2011), com suas Categorias de Responsabilidade enunciativa, como por Rabatel (2016). A Responsabilidade enunciativa com as noções de Ponto de Vista (PDV), Locutor Primeiro (L1) e Enunciador Primeiro (E1). Estes são conceitos que serão ferramentas que nos auxiliarão na análise proposta neste trabalho.

**RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA**

No entendimento de responsabilidade enunciativa, encontramos as definições do que sejam o locutor, enunciador e ponto de vista, concebidas por teóricos da linguística como Ducrot (1987), pela Teoria Escandinava da Polifonia Linguística (ScaPoLine) e por Rabatel (2016a, 2013, 2009).

Na obra de Ducrot (1987, p. 161) *apud* Bernardino (2015, p. 57), têm-se as seguintes definições:

*Um enunciado não faz ouvir uma única voz* [..] um *enunciado* (fragmento discursivo e distinto da frase, que é uma unidade gramatical, léxico-sintática) está ligada à *enunciação* (acontecimento histórico, constituído pela aparição momentânea do enunciado) e envolve: *produto físico* (o mesmo ser empírico, o produtor real, a pessoa que fala ou escreve, e dispensada da análise); o *locutor* (ser do discurso, designado no enunciado como seu autor, por meio de marcas linguísticas, por exemplo, pronomes e verbos em primeira pessoa); o *enunciador* (aquele que expressa um ponto de vista); os pontos de vista (correspondem à expressão de um enunciador); e os  *efeitos* produzidos pela enunciação (é a ação, aquilo que a fala faz ao ser enunciada)

Segundo Ducrot (1987), citado por Bernardino (2015), o enunciado tem por responsável de sua ocorrência o locutor, e não o autor real, escritor ou o produtor físico, pois quando designado pelo *eu* do enunciado o locutor assume a responsabilidade pelo que é dito.

A ScaPoline, liderada por Nølke, Fløtum e Norén (2004), utiliza das definições de Ducrot (1987) sobre o ponto de vista e as que diferenciam locutor de enunciador, contudo diverge no conceito de responsabilidade enunciativa, pois esse grupo de pesquisadores entende que esse fenômeno “constitui-se como uma ligação que se dá entre o ser do discurso (s-d) e o ponto de vista (PDV), em que este s-d pode tomar uma posição em relação ao ponto de vista, julgando o seu conteúdo, como verdadeiro ou falso” (BERNARDINO, 2015, p. 61). Ela também admite a não responsabilização quando o sujeito do discurso não é identificado como a fonte original do ponto de vista.

O terceiro autor mencionado, Rabatel (2009, 2016a), traz a definição e diferenciação de locutor-enunciador primeiro (L1/E1) e locutor-enunciador segundo (L2/E2). Para o teórico, locutor e enunciador são duas instâncias distintas, porém inseparáveis, pois sempre que falamos estamos nos apoiando no PDV de outros, como também nos posicionando em relação a eles. Este L1/E1 é aquele que fala, escreve, produz as palavras, já L2/E2 é a voz alheia que o L1/E1 traz em seu discurso, essa voz em sua maioria se apresenta como apenas e2, quando este não diz nada, não é o autor das palavras, por exemplo, nos contextos de imputação de PDV.

Rabatel (2005, p.59) *apud* Bernardino (2015, p. 65) dá uma definição do que seria o ponto de vista, afirmando que: “um PDV corresponde a um conteúdo proposicional remetendo a um enunciador ao qual o locutor ‘se assimila’ ou, ao contrário se distancia”. Nessa situação, apesar de usar um PDV de e2, no discurso, o L1/E1 pode concordar ou não com este.

Sobre a responsabilidade enunciativa, Rabatel se distancia um pouco da visão de Ducrot (1987) e da ScaPoline, por admitir a possibilidade de uma quase-responsabilidade (Quase-RE, correspondente à noção de *Quasi-PEC*, no francês). A esse respeito, Bernardino (2015, p. 66) mostra como é atribuído por Rabatel o entendimento de responsabilidade enunciativa:

[...] casos em que L1/E1 assume por conta própria os conteúdos proposicionais do PDV que ele julga verdadeiros. Associado a esse conceito, o autor postula a imputação para as ocorrências em que L1/E1 atribui os conteúdos proposicionais a outro enunciador, ou seja, a e2. Além disso, defende a hipótese de *quase-responsabilização*, para os casos de imputação do PDV a um e2, com posicionamento de L1/E1.

Os conceitos de locutor, enunciador, ponto de vista e responsabilidade enunciativa, definidos por Rabatel (2016) serão uns dos instrumentos que nos auxiliarão em nosso trabalho, pois se mostram basilares para a nossa intenção.

**CATEGORIAS DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA**

As Categorias propostas por Adam (2011, p. 117) e apresentadas a seguir, nos fundamentarão na nossa análise textual do discurso religioso do Papa Francisco. As categorias propostas pelo teórico são as seguintes:

|  |  |
| --- | --- |
| **Categoria Enunciativa** | **Conceito** |
| **Os índices de pessoas** | Pronomes e os possessivos marcadores de pessoa (*meu, teu/vosso, seu livro*), da apóstrofe de um ser ausente ou inanimado. |
| **Os dêiticos espaciais e temporais** | Compreendem uma referência absoluta (precisa ou vaga) ou uma referência relativa ao contexto (anafórica) ou ao contexto (situacional). Engloba elementos que se referem ao enunciado em determinada situação: advérbios (*amanhã, aqui, hoje*), grupos nominais (*abra esta porta*), grupos preposicionais (*em dez segundos*), adjetivos (na semana *passada*), determinados pronomes e determinantes. |
| **Os tempos verbais** | Correspondem diferentes tipos de localização relativamente à posição do enunciador e repartem-se em diversos planos de enunciação (oposições constatadas, anteriormente, entre o presente e o futuro do pretérito ou entre o presente de verdade generalizada e o par pretérito imperfeito-pretérito perfeito). |
| **As modalidades** | Modalidades sintático-semânticas maiores (téticas: asserção e negação; hipotéticas: real ou ficcional; hipertéticas: exclamação). Modalidades objetivas (*dever, ser preciso*) intersubjetivas (*imperativo, pergunta, dever*), subjetivas (*querer, pensar*). Verbos de opinião (*crer, saber, duvidar)*; advérbios de opinião (*talvez, sem dúvida, provavelmente*); lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos. Três tipos de unidades gramaticais entram nessa categoria textual: o advérbio, o grupo preposicional, a proposição subordinada. Enquanto os modalizadores de enunciação incidem sobre o dizer e os modalizadores de enunciado incidem sobre o dito. |
| **Os diferentes tipos de representação da fala** | Geram uma tensão entre a continuidade enunciativa da narração e as rupturas que toda fala representada introduz. A descontinuidade é marcada com o **discurso direto** (DD), e não-marcada pelo **discurso direto livre** (DDL), e atenuada pelo **discurso indireto** (DI) e o **discurso narrativizado** (DN). O **discurso indireto livre** (DIL) introduz uma representação mais complexada fala. **As indicações de quadros mediadores**: marcadores como *segundo, de acordo com e para*; modalização por um tempo verbal como o *futuro do pretérito*; escolha de um verbo de atribuição de fala como *afirmam, parece*; reformulações do tipo (*é*) *de fato, na verdade,* oposição do tipo: *alguns pensam (ou dizem) que X, nós pensamos (dizemos) que Y* etc. |
| **Os fenômenos de modalização autonímica** | Todo enunciado metaenunciativo que, num debruçar-se reflexivo do dito sobre o dizer manifesta a não-transparência e a não evidência das palavras. Simples *aspas ou itálico* podem indicar essa alteridade. Mas, seguindo os trabalhos de Jacqueline Authier Revuz (1984, 1994, 1995), falar-se-á de modalização autonímica quando se manifesta uma não-coincidência do discurso consigo mesmo. |
| **As indicações de um suporte de percepções e de** **pensamentos relatados** | Efeitos de ponto de vista que repousam numa focalização perceptiva (*ver, ouvir, sentir*) ou numa focalização cognitiva (*saber* ou *pensamento representado*). |

**Quadro 1:** Fonte: Adam (2011, p. 117)

**INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Respaldados no nosso objetivo geral, que é investigar como se configura a responsabilidade enunciativa no discurso religioso, a partir do qual pretendemos especificamente, (i) identificar e descrever as marcas linguísticas que assinalam a (não) assunção da responsabilidade enunciativa no discurso proferido pelo papa Francisco; (ii) refletir sobre os sentidos construídos a partir da interpretação do discurso decorrente dos movimentos de assunção e ou de não assunção da responsabilidade enunciativa.

Para isso, fizemos uma leitura minuciosa do *corpus* proposto com enfoque nas categorias da responsabilidade enunciativa propostas por Adam (2011) com o auxílio das definições de locutor, enunciador e ponto de vista propostas por Rabatel (2016). A partir dessa leitura, observamos maior recorrência das seguintes categorias: os diferentes tipos de representação da fala e modalidade intersubjetiva (através do imperativo). Assim, iniciamos a análise e interpretação dos dados baseadas nessas categorias mais recorrentes, bem como nos postulados propostos por Adam (2011) e Rabatel (2016).

Tendo em vista que se trata de um artigo, trouxemos excertos provenientes do texto completo para serem explanados na análise e interpretação dos dados desse trabalho, de forma que procuramos mostrar um exemplo de cada tópico de conteúdo expresso no texto a fim de não perdermos a noção do texto completo. Nestes excertos, fizemos uso do negrito para demonstrar, na materialidade do texto, as marcas da responsabilidade enunciativa. Relatamos, ainda, que os símbolos («) (») fazem a função das aspas na transcrição retirada do site.

Antes de adentrar na fala do Papa Francisco propriamente dita, faz-se necessário observar as informações co(n)textuais que a antecedem. Devido ao fato de retirarmos esse discurso de um site com notícia do vaticano, a transcrição da fala do Papa é antecedida por um enunciado típico da formação sociodiscursiva jornalística contendo um título e manchete chamativa convidando os possíveis interlocutores a fazer a leitura da abertura do sínodo. Como podemos observar no seguinte excerto:

(1)

|  |
| --- |
| Íntegra do discurso do Papa na abertura do Sínodo dos Jovens "O Sínodo que estamos vivendo é um momento de partilha. Só o diálogo nos pode fazer crescer", **disse** Francisco em seu discurso.  Cidade do Vaticano  Leia a íntegra do discurso do Papa Francisco na abertura do Sínodo dos Jovens, na tarde desta quarta-feira (03/10), na Sala do Sínodo, no Vaticano. |

Neste trecho o L1/E1 trata-se do noticiário, cujo título é bem objetivo e direto “Íntegra do discurso do Papa na abertura do Sínodo dos Jovens”. Em seguida, a própria fala do Papa é introduzida por meio das aspas, evidenciando o discurso direto que irá preceder. Percebemos, então, a presença da categoria da responsabilidade enunciativa, diferentes tipos de representação da fala, o introdutor de fala “disse” evidencia tal fato.

Neste mesmo excerto, observamos outra categoria da modalidade intersubjetiva através do imperativo “leia”, convidando os interlocutores a terem acesso ao texto na íntegra.

Percebemos, também, informações contextuais como: “na tarde desta quarta-feira (03/10), na Sala do Sínodo, no Vaticano.” típicas do gênero em questão. A partir de então o texto se constitui somente da fala transcrita do Papa Francisco.

(2)

|  |
| --- |
| Só o diálogo nos pode fazer crescer. Uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao contrário das bisbilhotices inúteis, das murmurações, das ilações ou dos preconceitos. *À coragem de falar deve corresponder a humildade de escutar.* **Como dizia** aos jovens na Reunião Pré-sinodal, «se [alguém] falar de algo que não gosto, ainda o devo ouvir melhor; pois cada um tem o direito de ser ouvido, como cada um tem o direito de falar». Esta escuta aberta requer coragem para tomar a palavra e fazer-se voz de tantos jovens no mundo que não estão presentes. É esta escuta que abre espaço ao diálogo |

Através do introdutor de fala “dizia” o L1/E1 (neste caso, o sujeito, a instância que o Papa representa) retoma sua própria fala através do discurso direto em que seus interlocutores diretos também eram os jovens. Ele relata a importância de respeitar a opinião do outro, sem que seja necessário que haja concordância, mas ouvir e respeitar a opinião alheia para, só assim, abrir “espaço ao diálogo”. Nesse sentido, o L1/E1 realça também a importância de falar que é um direito que deve ser colocado em prática, visto que, “fazer-se voz” constrói diálogos importantes para “fazer crescer”.

(3)

|  |
| --- |
| Uma Igreja que não escuta mostra-se fechada à novidade, fechada às surpresas de Deus, e não poderá ser credível, especialmente para os jovens, os quais, em vez de se aproximar, afastar-se-ão inevitavelmente.  *Deixemos para trás preconceitos e estereótipos*. Um primeiro passo rumo à escuta é libertar as nossas mentes e os nossos corações de preconceitos e estereótipos: quando pensamos já saber quem é o outro e o que quer, então teremos verdadeiramente dificuldade em escutá-lo seriamente. As relações entre as gerações são um terreno onde preconceitos e estereótipos pegam com facilidade proverbial, a ponto de muitas vezes nem nos darmos conta disso. |

Neste próximo excerto, percebemos a presença da categoria da responsabilidade enunciativa modalidade intersubjetiva a partir do imperativo em que o L1/E1 convida seus interlocutores a deixar “para trás preconceitos e estereótipos”. Fato este que demonstra um posicionamento não tão comum proveniente de um Papa, já que ao invés de conservador e tradicional, ele se mostra aberto e quebrador de padrões preestabelecidos (como é o exemplo do próprio sínodo que, normalmente, é dirigido somente ao bispado e, nesta ocasião da quarta-feira (03/10) é aberto aos jovens).

Assim, através do verbo “deixemos” flexionado no imperativo o L1/E1 defende o ponto de vista de que a igreja deve se tornar palco, onde a liberdade de expressão prevaleça para que os preconceitos e estereótipos fiquem para trás e permitindo, assim, cada vez mais adesão dos jovens a Igreja.

(4)

|  |
| --- |
| Se soubermos evitar este risco, então contribuiremos para tornar possível uma aliança entre gerações. Os adultos deveriam superar a tentação de subestimar as capacidades dos jovens e de os julgar negativamente. Uma vez li que a primeira menção deste facto remonta a 3000 a.C., tendo sido encontrada num vaso de barro da antiga Babilónia, onde está escrito que a **juventude é imoral e que os jovens não são capazes de salvar a cultura do povo.** Por sua vez, os jovens deveriam superar a tentação de não prestar ouvidos aos adultos e considerar os idosos **«coisa antiga, passada e chata»,** esquecendo-se que é insensato querer partir sempre do zero, como se a vida começasse apenas com cada um deles. Na realidade, apesar da sua fragilidade física, os idosos permanecem sempre a memória da nossa humanidade, as raízes da nossa sociedade, o pulso da nossa civilização. Desprezá-los, abandoná-los, fechá-los em reservas isoladas ou então ignorá-los é índice de cedência à mentalidade do mundo que está a devorar as nossas casas a partir de dentro. Negligenciar o tesouro de experiências que cada geração herda e transmite à outra é um ato de autodestruição. |

Ainda na perspectiva de abrir “espaço ao diálogo”, o L1/E1 defende o ponto de vista de que deve haver respeito e empatia entre as gerações. Percebemos, nesse sentido, a categoria da responsabilidade enunciativa, diferentes tipos de representação da fala através do discurso indireto, introduzido pelos lexemas “onde está escrito”. Assim, o L1/E1 se remete a uma menção de fato que leu “num vaso de barro da antiga Babilónia” que postula um pensamento preconceituoso sobre os jovens afirmando que a “juventude é imoral” e, em seguida, afirma a partir do discurso direto que os jovens deveriam “considerar os idosos «coisa antiga, passada e chata»”

Observamos, assim, que o L1/E1 não comunga do ponto de vista imputado a essa fonte segunda, pelo contrário, ele defende que esses estereótipos sejam dizimados e que a paz reine entre ambas as gerações. Dessa maneira, os jovens podem aprender com os idosos e vice-versa.

(5)

|  |
| --- |
| **Esforcemo-nos**, pois, por procurar frequentar o futuro e por fazer sair deste Sínodo não só um documento – que geralmente é lido por poucos e criticado por muitos mas sobretudo propósitos pastorais concretos, capazes de realizar a tarefa do próprio Sínodo, que é *fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender um do outro, e criar um imaginário positivo* que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos e inspire aos jovens – a todos os jovens, sem excluir nenhum – a visão dum futuro repleto da alegria do Evangelho. |

Este último excerto é logo introduzido pelo imperativo. Percebemos, portanto, a presença da categoria da responsabilidade enunciativa, modalidade intersubjetiva em que o L1/E1 convida seus interlocutores a se esforçar e, de fato, praticar os pontos de vista assumidos no sínodo e não só considerá-lo como um documento. Em seguida, o L1/E1 reafirma o propósito do sínodo no intuito e afirma que esse propósito é dirigido “a todos os jovens, sem excluir nenhum” trecho em que novamente observamos o ponto de vista anti preconceituoso assumido pelo Papa Francisco.

**CONCLUSÃO**

Tendo em vista que este trabalho se propôs estudar como se configura a responsabilidade enunciativa no discurso sinodal do papa Francisco, conseguimos identificar duas categorias mais recorrentes que assinalam a responsabilidade enunciativa, que foram as modalidades intersubjetivas e os diferentes tipos de representação da fala.

Depois da descrição e interpretação dos dados através dos marcadores das categorias supracitadas, os resultados apontam que no discurso religioso há mais assunção, engajamento do L1/E1 (Papa) em relação ao conteúdo proferido no sínodo, percebemos que a todo tempo L1/E1 convida os jovens ao diálogo, isso é perceptível através da categoria modalidade intersubjetiva, pelo uso constante do imperativo, como por exemplo, uso de termos, “Sejamos”, “Deixemos”, “Esforcemo-nos”, considerando o co(n)texto do discurso, podemos dizer que as modalidades se constituem como responsáveis por expressarem atitudes do L1/E1, ele empenha em dizer que a união entre jovens e adultos é primordial para a construção de um futuro melhor.

Com relação a categoria os diferentes tipos de representação da fala, é relevante destacar que ela cumpre o papel de reforçar o discurso de L1/E1 em relação aos conteúdos proferidos, percebemos que através do discurso direto, L1/E1 introduz dizeres já ditos em outras ocasiões para construir seu ponto de vista naquele momento de interação social por ocasião do sínodo.

As conclusões que chegamos ao final da interpretação nos revelam que o discurso religioso proferido pelo papa possui a intencionalidade de por em debate questões relacionadas a inserção dos jovens no mundo do evangelho, da esperança, da busca pela paz, jovens que sejam capazes de construir um futuro melhor pela palavra e pelas ações em conjunto com familiares de diferentes gerações.

**REFERÊNCIAS**

ADAM, J. M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica: João Gomes das S. Neto. 2. ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNARDINO, R. A. dos S. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação**. 2015. 286 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem. Natal, RN, 2015. (Apoio CAPES).

NEWS, V. **Íntegra do discurso do Papa na abertura do Sínodo dos Jovens.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-10/integra-discurso-papa-abertura-sinodo-jovens.html>. Acesso em: 13 de Outubro de 2018.

NØLKE, H.; FLØTTUM, k.; NORÉN, C. **ScaPloLine**: la théorie scandinave de la polyphonie linguistique. Paris: Kimé, 2004.

RABATEL, A. ***Homo narrans***: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva neto. São Paulo: Contexto, 2016.